

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA



Cláudio Handrey assume a crítica teatral do Correio

PÁGINA 2



Marcella Dale retorna com solo de dança 'Grito Mudo'

PÁGINA 3



Destaques de Veneza estarão em San Sebastian

PÁGINA 7



Sombras do **samurai**

Aos 86 anos, com HQ nova no mercado editorial, Julio Shimamoto, artesão dos quadrinhos no Brasil, desenvolve uma nova técnica, com pintura e raspagem em azulejo, à moda da xilogravura

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Xiloshima é o nome que um titã dos quadrinhos latino-americanas, Julio Shimamoto, hoje com 86 anos, inventou para classificar o atual método de expressão - meio artes plásticas, meio artes gráficas - que tem desenvolvido em sua casa, em Jacarepaguá, longe dos compromissos com as graphic novels e revistinhas mensais que fizeram dele uma lenda no mercado editorial.

“Atualmente, pinto a face de azulejos brancos com tinta preta à base de água e, após secagem, eu as raspo com ponta de prego ou espetinho de churrasco, produzindo desenho assemelhado ao xilo. É um método que dispensa madeira. Após escanear a imagem, eu a removo, por lavagem, e reutilizo o azulejo ou cerâmica para novos trabalhos”, explica o bamba do desenho em P&B, nas raias do expressionismo.

Continua nas páginas 4 e 5

Paulo-Roberto Andel

Onde estava o dinheiro?

Ok, tá todo mundo duro. E não é de hoje. Dia desses mesmo, eu fiquei conversando com meu amigo Marco Antônio no rodízio de massas, para tentar entender como que a gente conseguia fazer tanta coisa na adolescência com pouco ou nenhum dinheiro.

Éramos literalmente duros, mas a gente acampava quase todo mês, jogava bola toda semana com a quadra paga no Corpo de Bombeiros da Xavier da Silveira. Aos sábados, sempre lanchávamos no Supermercado Leão. Um ficava admirando o sanduíche do outro. Isso quando não passávamos pelo Bob's, McDonald's e o fabuloso Gordon, que merece um livro inteiro. Estávamos sempre no Maracanã também. Quarta e domingo. De quebra ainda tinha um ou outro show de artistas nacionais e estrangeiros.

Gente, de onde é que vinha todo aquele dinheiro? A gente mal ganhava mesada, eu não consigo me lembrar direito dessa relação de grana na primeira metade da década de 1980. E olha que a gente vivia tempos de uma inflação enlouquecida, às vezes batia coisas de 50, 60 e até 70% ao mês, um negócio enlouquecedor, você nem sabia mais como é que se escrevia o nome da moeda e nós vivíamos bem, dentro do possível.

Como é que a gente fazia ao certo eu não sei dizer, mas realmente dava tudo certo e não tinha lá grandes preocupações. Uma vida modesta, usando ao máximo a praia de Copacabana como área de lazer, esporte e paradigma de vida. E, claro, sem boletos. Meu pai me dava um trocadinho, eu vendia botão, figurinha, revistinha, qualquer coisa que pudesse.

A única conta que sempre

dava certo era a dos acampamentos escoteiros. Ninguém deixava de ir, ninguém. O dinheiro arrecadado era dividido para todos. Foi uma grande experiência de vida. Até hoje sigo o grupo no Facebook e fico lembrando de uma época maravilhosa da minha vida. Os anos 1980 eram o caos, mas eu vivia bem.

Então damos um salto no tempo e avançamos 40 anos.

Claro que o Brasil passou por uma crise absoluta e só mais recentemente conseguiu se recuperar de um massacre econômico. Mas, sinceramente, as coisas estão caras, caras demais. Um show é praticamente inviável em termos de preço. Aquele Maracanã baratinho há muitos anos desapareceu. Hoje é uma fortuna. Um lanche, um simples lanche pode começar custando R\$ 40 num fast food ou num lugar um pouquinho mais arrumado. O prato de comida a quilo também, dificilmente você vai gastar menos de 35 pilas por refeição. É dinheiro demais.

Às vezes fico pensando que ser um garoto nos dias de hoje, um adolescente, seria infinitamente mais difícil, mesmo não tendo aquela inflação maluca do passado. Como ia fazer para poder ter hoje aos 13 anos a vida que eu tinha 40 anos atrás? Impossível. Sempre houve exclusão, mas atualmente parece cada vez mais grave por conta da questão econômica.

Bem sabemos que o desemprego diminuiu consideravelmente nos últimos anos, mas às custas de um trabalho precarizado e com renda bastante limitada, o que acaba impedindo as pessoas de ter uma vida realmente digna: apenas sobrevivem. É injusto demais. Todos mundo merece um pouco de felicidade, mesmo na pobreza.

Ator, diretor e professor Cláudio Handrey é o novo crítico teatral do Correio da Manhã



Divulgação

Cláudio Handrey: *'Brecht define bem o teatro em que acredito, onde o público deixa se ser expectador passivo'*

Um novo olhar para o palco

Com a chegada de um nome de peso ao time de colaboradores do Correio da Manhã, é a cena teatral carioca que sai ganhando. A partir desta semana, o #CM2 terá Cláudio Handrey como seu novo crítico teatral. Com trajetória no teatro, cinema e televisão, o ator, diretor e professor guiará nossos leitores pelas nuances dos diversos espetáculos encenados nos palcos da cidade.

Para Handrey, o teatro é um espelho amplificado da condição humana. "O teatro, pra mim, é uma lente de aumento, em que tudo deve ser grandiloquente, para que possamos olhar e detectar mais atentamente nossas fraquezas, doenças, idiossincrasias, conflitos em geral", explica. Essa visão se alinha à de Bertolt Brecht, onde o público é convidado a uma participação ativa e reflexiva. "A partir do bom teatro, do bom entendimento de suas metáforas em linguagens diversificadas, conseguimos refletir e construir uma análise crítica de nós mesmos e da sociedade em geral. Brecht define bem o teatro que acredito, onde o público deixa de ser um espectador passivo para se tornar ativo, analisando criteriosamente as situações reveladas no espetáculo teatral", detalha.

Uma de suas paixões mais marcantes é a obra de Nelson Rodrigues. "Nelson me chamou atenção, desde muito jovem. Me deparei com as 17 peças e suas inúmeras crônicas e contos ainda na escola de teatro. Devorei o máximo daquele gênio e fui descobrindo, com extrema felicidade, que estava diante do maior dramaturgo brasileiro", recorda. Essa admiração culminou em seu TCC sobre o humor na obra rodrigueana.

Há uma década, ele ministra oficinas sobre o autor. "É impressionante como toda aquela escrita peculiar do dramaturgo vai transformando jovens atores, que vão – através daquela carpintaria exemplar – encontrando teatralidade. Tensão, ritmo, frases que terminam em preposições, personagens adocicados, em que o escritor transpõe a tragédia grega para a sociedade carioca do século XX", descreve.

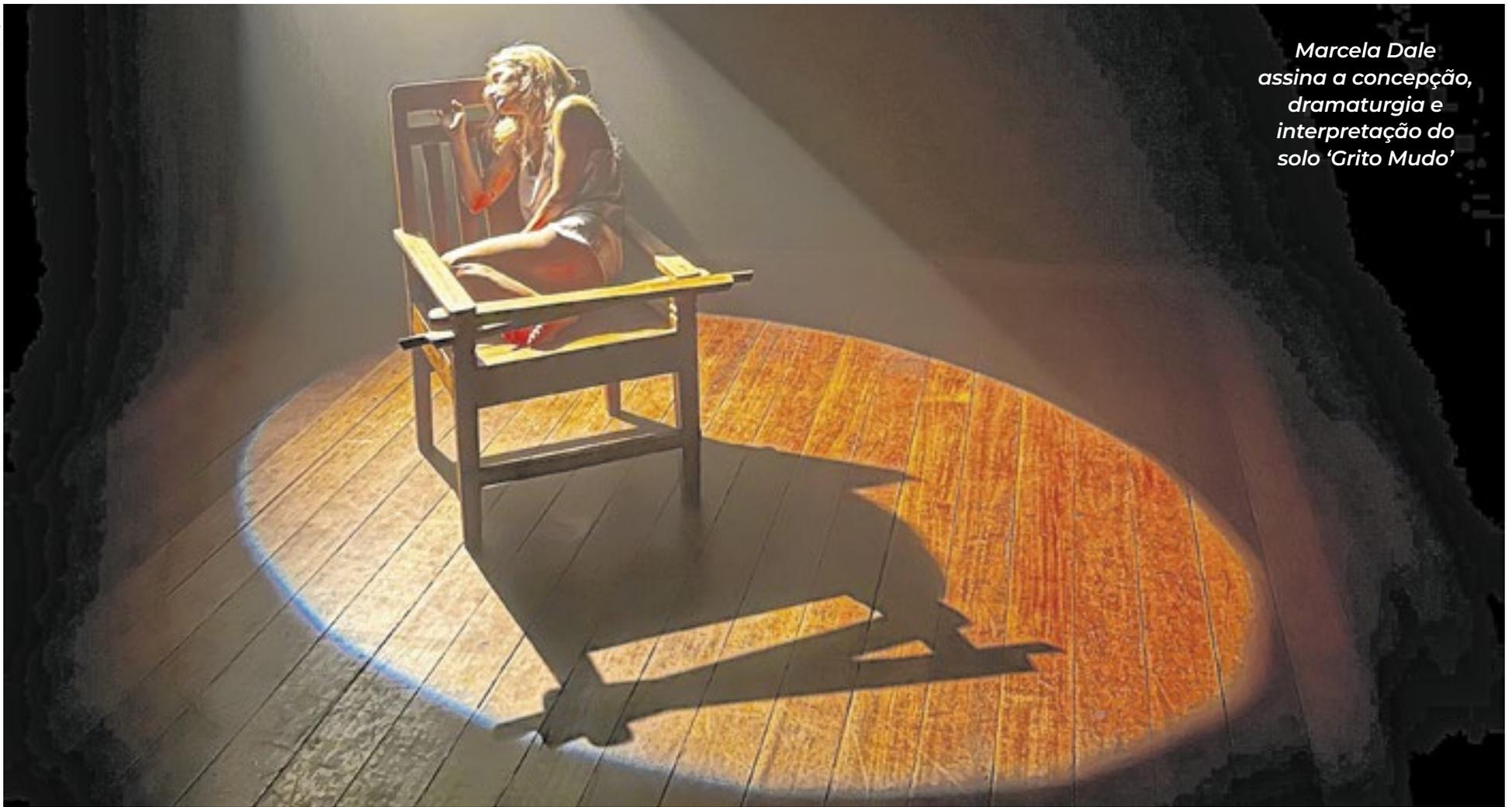
Na visão de Handrey, o humor e o patético na tragédia rodrigueana são o que o mantêm apaixonado pelo universo do autor, que ele coloca na mesma galeria de dramaturgos como William Shakespeare, August Strindberg, Luigi Pirandello e Eugene O'Neill. "O seu teatro 'desagradável' continua atual por-

que suas palavras levam ao choque, à censura, à crítica, às vaias, ao repúdio social, ao exibirem olhar irônico e satírico sobre uma sociedade em transformação", conclui.

Handrey trilhou seus primeiros passos nas artes cênicas tendo Antunes Filho como diretor na Cia Lanavevá de Teatro. Como diretor, destacou-se com as premiadas "Draculinha" e "Porcos com Asas". Montou adaptações de Nelson Rodrigues como "Perdoa-me Por Me Traíres" e "A Vida Como Ela É", e sucessos como "Surto", que ficou nove anos em cartaz.

Nos palcos, atuou em montagens como "A Megera Domada" sob a direção de Miguel Falabella, e "Tio Vânia". No audiovisual, participou de novelas como "Anjo Mau" (Globo) e "Vidas em Jogo" (Record), além de séries para a Netflix. No cinema, atuou em nove longas, incluindo "O Enfermeiro" com Paulo Autran.

A cada sexta-feira, em nossa edição especial de fim de semana, Cláudio Handrey brindará os leitores do Correio com sua análise sobre o que de mais relevante encontramos na cena teatral da cidade, uma cena rica e diversa como a arte deve ser. Viva o teatro!



*Marcella Dale
assina a concepção,
dramaturgia e
interpretação do
solo 'Grito Mudo'*

O sucesso de público em agosto garantiu a prorrogação da temporada de "Grito Mudo", solo de dança contemporânea de Marcella Dale. O espetáculo retorna ao Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, com quatro apresentações adicionais nas terças-feiras de setembro.

A criação desta coreografa, explica Marcella, nasce de um processo visceral onde o silêncio se revela não como ausência, mas como potência criativa. A artista constrói uma dramaturgia corporal que parte de dores sem nome para alcançar a expressão vital de um corpo que decide não mais se calar. "É muito emocionante sentir que esse trabalho encontrou ressonância no público. Cada apresentação foi um encontro único e intenso e poder seguir compartilhando essa experiência por mais um mês é um presente", comemora Marcella, que assina concepção, dramaturgia e interpretação.

O espetáculo se estrutura como rito de libertação, onde a dança emerge como linguagem primitiva

Resistindo no Silêncio

'Grito Mudo', solo de Marcella Dale, retorna ao Teatro Cândido Mendes

capaz de revelar estados e memórias que escapam à palavra. A direção de movimento de Toni Rodrigues impulsiona o trabalho para territórios onde o corpo se arrisca na quebra de padrões ancestrais, criando uma partitura que recusa o virtuosismo em favor do essencial. A trilha sonora, sob direção musical de Vinícius Mousinho, e o desenho de luz de Francisco Hashiguchi completam um universo cênico onde cada elemento contribui para a construção de sentidos.

Na cenografia minimalista uma cadeira de madeira assume múltiplos papéis simbólicos, funcionando como presença silenciosa que sustenta, aprisiona e desafia. O figurino integra essa economia de meios, permitindo que o foco recaia sobre a expressividade do movimento e a intensidade da presença cênica.

Inspirada por referências como o poema "A infanticida Marie Farrar", de Bertolt Brecht, Marcella Dale entrelaça literatura e experiência pessoal, construindo

uma obra que dialoga com questões universais através do particular. Do movimento o silêncio ecoa como um grito sutil.

A trajetória de Marcella Dale, formada pela CAL, licenciada pela UCAM e pós-graduada pela Faculdade Angel Vianna, revela uma artista que desenvolveu pesquisa autoral consistente baseada no balé clássico e práticas contemporâneas. Com mais de dez anos de atuação, integrou montagens teatrais, companhias

de dança e produções audiovisuais, colaborando com diretores como Jefferson Miranda e Carlota Portella. Como idealizadora da EspaçoSala Produções, demonstra também capacidade empreendedora no cenário cultural carioca.

SERVIÇO GRITO MUDO

Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema)
De 2 a 23/9, às terças-feiras (20h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Nascido em 13 de maio de 1939 em Borborema, interior de São Paulo e radicado há décadas no Rio, Julio Shimamoto é orgulhoso de suas raízes nipônicas. “Papai, Kioichiro, nasceu na província de Wakayama, e mamãe, Chiyoko, nasceu em Osaka. Conheceram-se no Brasil e aqui casaram”, conta.

Sua lavoura artística, iniciada na década de 1950, passou pela Publicidade e emplacou, nas HQs, obras-primas como “Volúpia”, “Sombras”, “Claustrofobia” (com Gonçalo Junior), “O Lobisomem Errante” e “O Ditador Frankenstein”. Seu trabalho mais recente, “Sangue & Terror”, entrou à venda faz pouco, celebrando suas oito décadas e meia de vida. Segundo ele, esse mix de histórias traduz sua narrativa, numa evolução histórica, “pela variedade de estilo gráfico, sempre focado em tema gótico, terrorífico”.

Sua forma autoral de meter medo alimentou o imaginário de muitos artesões do quadrinho e da prosa, como é o caso de Lourenço Mutarelli, autor de “O Cheiro do Ralo” e “A Confluência da Forquilha”:

“Shimamoto, o grande Shima, tem um desenho maravilhoso. Desde novo, fui impactado por seu trabalho”, explica Mutarelli. “Sua arte-final é sempre inovadora e surpreendente. Tenho profundo carinho e respeito por esse homem, que segue criando e experimentando”.

Esse gerúndio glorioso de que fala Mutarelli é o alvo do papo a seguir entre Shima e o Correio.

O que mais lhe apaixona na arte dos quadrinhos?

Julio Shimamoto - Sempre fui fascinado por quadrinhos, desde a minha infância no Sertão, quando papai trazia de suas viagens exemplares de “O Gibi” e “Globo Juvenil”. Mesmo sem saber ler, as imagens dinâmicas de super-heróis me empolgavam demais, e o ato de fazer HQs é mais viciante, como afirmou certa vez o grande Alex Raymond, artista americano que imortalizou Flash Gordon. Ele disse que ser quadrinista é mais do que



Mistura de artes plásticas com artes gráficas, as xiloshimas são pintadas na face de azulejos brancos com tinta preta à base de água e, após secagem, as imagens são raspadas com ponta de prego ou espetinho de churrasco, produzindo desenho assemelhado ao xilo

‘Minha arte é basicamente ocidental sem influênc



ser cineasta: por dirigir, ambientar, cenografar e também atuar no lugar dos personagens mais variados.

De que maneira o seu preto e branco evoca o sobrenatural?

Toda noite, quando andamos sozinhos numa rua mal ilumina-

da, sentimo-nos apreensivos. Seria efeito da nossa infância povoada de assombrações, mulas sem cabeça ou lobisomens? O fato é: a escuridão é sempre associada ao pesadelo e a fatos sobrenaturais, sobretudo no sertão, onde passei grande parte da minha infância.

Que elementos sombrios formam o seu imaginário?

Além das superstições dos caipiras, as personagens de HQs e os filmes de terror enriqueceram o meu imaginário.

Do que o senhor tem medo?

De ficar cego ou ficar entredado numa cadeira de rodas. Já a morte não me assusta tanto assim, pelo fato de papai ter me ensinado a não temê-la, para evitar que eu me tornasse um covarde.

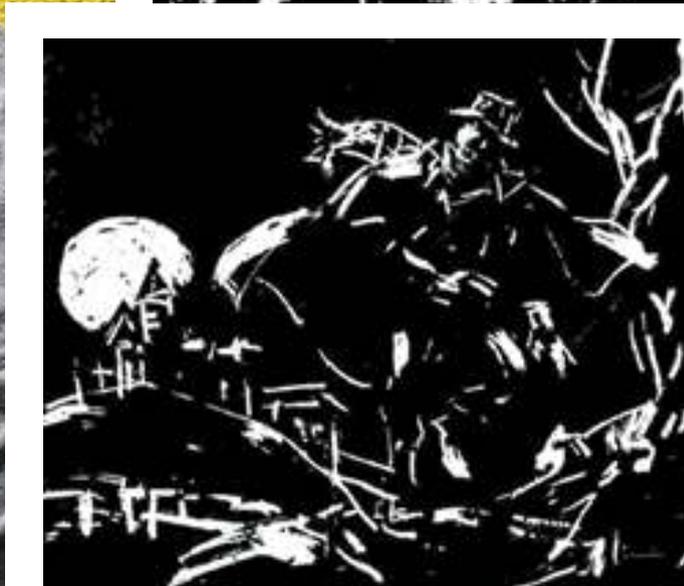
O que ainda atrai o senhor



HIMAMOTO, QUADRINISTA



Fotos: Divulgação



te talizada, ia oriental'

no terror?

Especializei-me nessa temática forçado pelas editoras que publicavam esse material importado dos EUA, antes da proibição pelo macarthismo. As revistas de terror tinham um grande mercado, daí as editoras brasileiras

decidiram contratar roteiristas e desenhistas para produzi-las. Só a Editora Outubro chegou a lançar simultaneamente quatro títulos mensalmente.

De que maneira as suas raízes japonesas se fazem notar

na sua obra?

Minha arte é basicamente ocidentalizada, sem influência oriental.

Então o senhor não tem relação com mangás? Mas gosta de alguma?

Zero relação com mangá típico, daqueles personagens olhudos. Já no gekigá (HQ japonesa de estilo realista), sou grande fã de "Lobo Solitário", de Kazuo Koike com desenhos de Goseki Kojima.

Quando o senhor começou a trabalhar com desenho?

Estava quase com 16 anos quando comecei a trabalhar como estoquista no escritório da matriz das lojas Tecidos Buri e, ainda nessa idade, fui para o departamento de promoções da matriz das Lojas Sears, no bairro da Água Branca, como auxiliar de desenhista.

Qual foi o seu primeiro quadrinho profissional?

Meus primeiros quadrinhos foram sobre curiosidades brasileiras e HQs de mitologias universais, sob o título "Agora Sei Que...", criados especificamente para substituir o importado "Acredite Se Quiser" do (selo) "Ripley's", em fins de 1957, na Ed. Novo Mundo de Miguel Falcone Penteadado. Saíam publicadas nas capas internas das revistas "Noites De Terror", "Mundo De Sombras" e "Gato Preto".

Qual foi o seu maior sucesso?

"Fidêncio, O Gaúcho", publicado no suplemento dominical infantojuvenil da Folha de São Paulo.

Como foi o seu trabalho com criação publicitária?

Trabalhei muitos anos em agências de publicidade, nacionais e multinacionais, embora a contragosto. Era bem remunerado como

diretor de arte do setor de criação, e assim pude comprar minha casa e criar meus quatro filhos, confortavelmente. Hoje, sou aposentado.

O senhor desenha todos os dias, atualmente?

Não. Já faz alguns anos que desenho quadrinhos esporadicamente, por falta de motivação, mas gosto de produzir ilustrações avulsas, encomendadas ou não, buscando desenvolver técnicas novas. Gosto também de usar ferramentas e soldas elétricas, para produzir esculturas com folhas de latinhas descartadas ou chapas de zinco.

O senhor, que é considerado um rei no preto & branco, gosta de desenho colorido?

Só para capas de revistas, não aprecio quadrinhos coloridos. Só para não perder a mão, faço estudos avulsos em cores uma vez ou outra.

Quais são os seus próximos projetos?

Atualmente, não tenho nenhum projeto em pauta, mas sigo ativo, desenvolvendo ilustrações com técnicas inéditas. Esses trabalhos costumam veicular em fanzines de amigos, gratuitamente. São técnicas de acentuado claro-escuro que evoca estilo xilo.



Cozinhas que se **cruzam**

Ana Luiza Trajano coloca a comida do Brasil e da França lado a lado na série 'Por Trás do Prato'

Por Bárbara Giovanni (Folhapress)

As cozinhas do Brasil e da França se encontram em "Por Trás do Prato", série documental que estreou na sexta-feira (29) no GNT. Em cada um dos oito episódios, a chef e pesquisadora Ana Luiza Trajano constrói paralelos entre pratos típicos dos dois países, como a feijoada e o cassoulet (cozido de feijão-branco e carnes), o crepe e a tapioca, a moqueca e a bouillabaisse (caldo à base de peixes e frutos do mar), o pão de queijo e o gougère (versão francesa que leva emmenthal), os doces em compota e as frutas confitadas.

Esses paralelos, conta, surgiram na sua própria cozinha depois que se mudou para a capital francesa, em 2018. "Eu queria reproduzir receitas brasileiras."

Sem queijo da serra da Canastra, ela encontrou no francês comté um substituto. Aos poucos, percebeu as similaridades e conexões entre receitas tradicionais dos dois países.

Depois de estudar as bases da culinária francesa em escolas tradicionais do país, partiu em uma expedição que durou quatro meses e passou por diversos cantos da França. A ideia era visitar lugares e pessoas que são referências nos pratos selecionados - e nos ingredientes utilizados neles.

No caminho, visitou restaurantes com três estrelas Michelin, como o La Vague d'Or, em Saint-Tropez, e também negócios familiares, caso da produção de azeite do Moulin Castelas, em Baux-de-Provence. "Esse é o trabalho que eu faço há 25 anos", diz Trajano, lembrando a pesquisa realizada em seu instituto, o Brasil A Gosto.

Este trabalho, inclusive, direcionou seu caminho na expedição brasileira. Feita durante seis meses, percorreu as cinco regiões do país em diálogo com chefs como Tereza Paim, do restaurante soteropolitano Casa de Tereza, e Janaina Torres, do paulistano Bar da Dona Onça. Nos cam-

Fotos: Instituto Brasil a Gosto/Divulgação



Prato típico da cidade de Marselha, a sopa de pescados bouillabaisse (D) têm similaridade com a moqueca brasileira? (E) Essa é uma das provocações feitas pela chef Ana Luiza Trajano na série 'Por Trás da Mesa'



pos brasileiros, Trajano conversou com produtores de queijo, café e pimenta.

Ao final das viagens, a pesquisadora acumulou mais de 600 horas de material gravado em vídeo, que foi trabalhado em oito episódios pela diretora Joana Mendes da Costa.

Em duplas, as receitas são colocadas lado a lado. Trajano mostra a produção de ingredientes essenciais aos pratos apresentados, assim como a tradição de preparo. No primeiro episódio, o azeite usado na bouillabaisse faz um paralelo com o azeite de dendê típico da moqueca.

Para Trajano, o resultado é uma produção que trata a comida como patrimônio e aproxima ingredientes, histórias e personagens do Brasil e da França.

"A gente tem muito do que se orgulhar no nosso país, é pelo que eu luto desde sempre. Nesse documentário fica claro o equilíbrio das histórias", afirma.

De início, a filha da empresária Luiza Helena Trajano mudou-se de São Paulo a Paris para que seus dois filhos, franco-brasileiros, tivessem contato com a cultura francesa. Hoje, ela diz que enxerga outro motivo para a mudança.

Em sua empresa Madame Brésil, Trajano faz uma curadoria de produtos provenientes da agricultura familiar no Brasil, itens que importa e distribui por países da Europa.

Visto que a França é referência para muitos quando o assunto é gastronomia, dar visibilidade aos ingredientes e preparos

brasileiros no país é uma maneira de abrir espaço para cozinha do Brasil. "Uma vez que a França abraça o Brasil, o mundo abraça", diz.

"Por Trás do Prato" vai ao ar como parte da programação da temporada França-Brasil, comemoração dos dois séculos das relações diplomáticas entre os países.

A série será exibida às sextas-feiras, às 22h15, no GNT. Os episódios têm entre 20 e 30 minutos e, após exibição na TV, ficam disponíveis para assinantes premium no streaming Globoplay.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Jurada da competição oficial de Veneza deste ano, Fernanda Torres arrebatou o Lido em 2024 no longa-metragem responsável por render ao Brasil seu primeiro Oscar, “Ainda Estou Aqui” (hoje acessível no Globoplay), que tão logo finalizou o compromisso com a terra das gôndolas, de onde saiu com a láurea de Melhor Roteiro, zarpu para outro festival, também de tamanho GG, para o qual se destinam os achados do Lido: San Sebastián.

Historicamente, estandartes venezianos deixam para trás os vaporetos (o ônibus aquático italiano) e partem para a terra dos pintxos. É esse o nome usado para saborosos acepipes que combinam presunto, peixes, queijo, pimenta, pão e outras guloseimas, sendo reconhecidos como patrimônio gastronômico da cidade do norte da Espanha que sedia uma das mostras competitivas mais respeitadas do audiovisual. Foi ali que o fenômeno nacional de bilheteria de Walter Salles fez seu primeiro pouso na Europa depois de se consagrar em Veneza, disputando o prêmio de júri popular da mostra Perlak (Pérolas).

Essa seção vai acolher o cinema brasileiro de novo, ao projetar o

Emma Stone em ‘Bugonia’ que sai inflamado de Veneza para brigar pelo Prêmio Perlak

Conexão

San Sebastián

Destaques da competição pelo Leão de Ouro de 2025 na Itália já asseguraram passagem pelo maior festival da Espanha – e um dos maiores do mundo -, que exibirá ‘O Agente Secreto’

thriller “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, que nasceu em Cannes, em maio. O grosso da programação dessa ala do evento basco – agendado de 19 a 27 de setembro - vem da Itália, sendo que sua vitrine de maior visibilidade internacional, a briga pela Concha de Ouro, costuma ser majoritariamente composta de títulos inéditos.

Veneza faz um intercâmbio de suas miríades com San Sebastián de modo de estender a força do circuito europeu dos festivais para a Oscar Season, a temporada de potenciais concorrentes ao Oscar. Fala-se um bocado em futuras estatuetas hollywoodianas para o diretor grego Yorgos Lanthimos com seu “Bugonia”, o queridinho pop da disputa pelo Leão dourado de 2025. Emma Stone, parceira habitual do diretor de “Pobres Criaturas” (2023), vive a CEO de uma empresa suspeita de ser alienígena. Um par de jovens vai raptá-la de modo a testar sua humanidade. San Sebastián há de desfrutar da ironia de Yorgos assim como deve curtir “Le Mage Du Kremlin”, do francês Olivier Assayas, que pode dar a Paul Dano o troféu Copa Volpi de Melhor Ator em solo veneziano. Ele vive um ci-

neasta que serve de conselheiro ao jovem Vladimir Putin (Jude Law), com a dissolução da URSS.

Filme de abertura de Veneza, “La Grazia”, de Paolo Sorrentino, vai escancarar vivências de Nápoles na Perlak amparado na dobradinha entre seu realizador (oscarizado em 2014 com “A Grande Beleza”) e o ator Toni Servillo. O Raul Cortez dos palcos europeus vive Mariano De Santis, o presidente da República Italiana. Viúvo católico, ele tem uma filha, Dorotea, jurista como ele. À medida que o seu mandato chega ao fim, em meio a dias sem incidentes, surgem duas últimas tarefas: decidir sobre dois pedidos delicados de indulto presidencial. Ambos têm em sua essência dilemas morais, que se tornam emaranhados, de maneiras que parecem impossíveis de desvendar, com sua vida privada. Servillo tem força para destronar Dano.

Nesta segunda, o júri de Veneza confere o empenho do campeão de bilheteria Dwayne Johnson, outrora The Rock, para alcançar outro patamar profissional com “Coração de Lutador - The Smashing Machine”, sobre o ás dos ringues Mark Kerr. Esse “Rocky Balboa”

Fotos: Divulgação



da luta livre é dirigido por Benny Safdie, cineasta e ator que enfrenta Adam Sandler no recente “Um Maluco no Golfe 2”, da Netflix. Aliás, Sandler arrebatou o Lido com seu desempenho como agente de um astro em tempo de frustração encarnado por George Clooney. San Sebastián já assegurou esse longa para si, na já citada mostra Perlak.

Veneza termina neste sábado, com a entrega do Leão de Ouro. Entre os concorrentes mais fortes se impõe o thriller “No Other Choice” (“Eojjeolsuga Eobsda”) marca a volta do sul-coreano Park Chan-wook às telas. Responsável por redesenhar a relevância de seu país no audiovisual, à força do sucesso de “OldBoy” (cult de 2004, hoje na grade da MUBI), o cineasta regressa ao écran três anos depois do sucesso de “Decisão de Partir”, que lhe rendeu a láurea de Melhor Direção em Cannes, e um ano depois do trabalho conjunto com o diretor paulista Fernando Meirelles na minissérie “O Simpatizante”, na grade da MAX. A trama de seu novo projeto – um desempregado passa a matar seus rivais na disputa por uma vaga de emprego – é derivada do romance “The Ax” (1997), de Donald Edwin Westlake (1922-2008), filmada antes pelo franco-grego Costa-Gravas, em 2005, com o título “O Corte”.



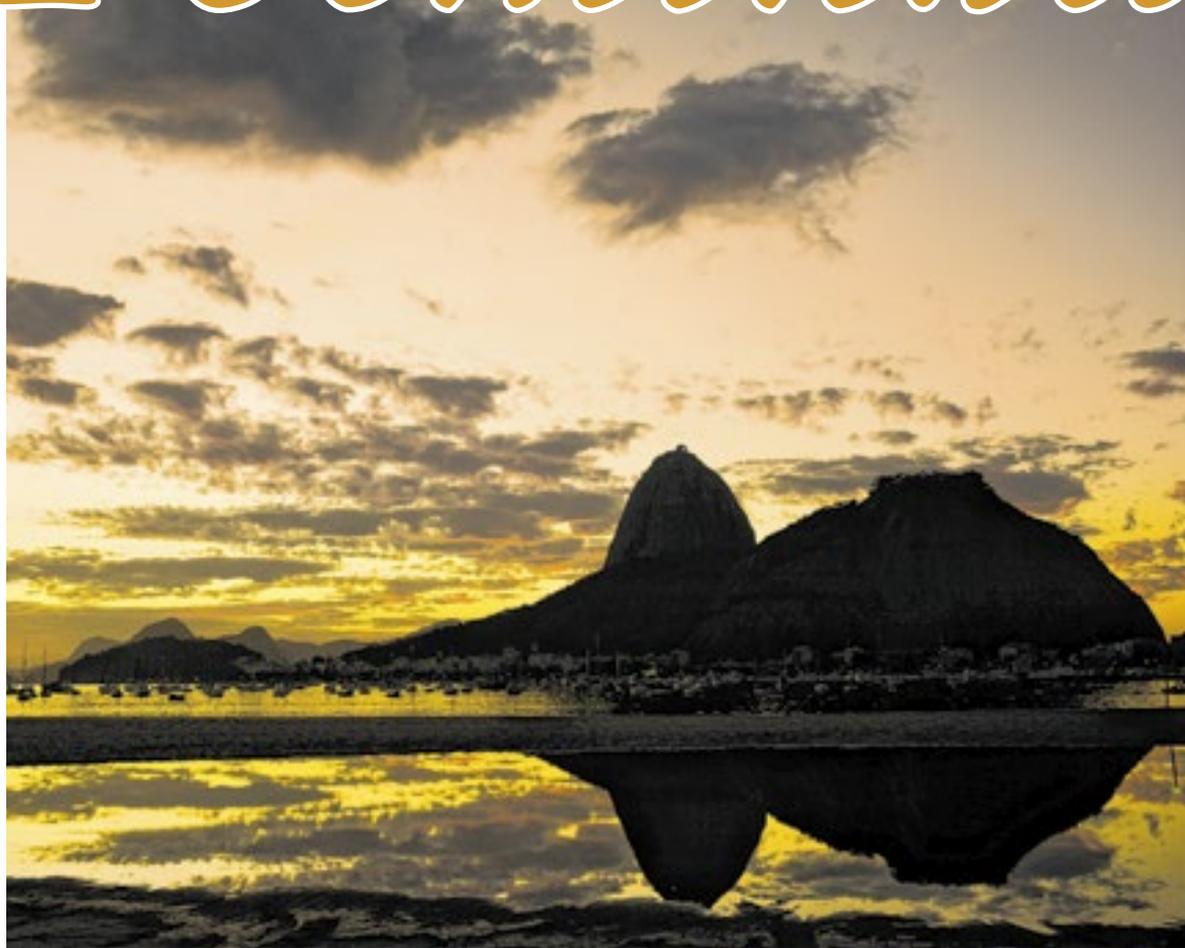
Paul Dano em ‘Le Mage du Kremlin’, já chamado para o festival da terra dos pintxos

Netflix / Divulgação



Jay Kelly sacudiu o Lido com George Clooney em duo com um inspirado Adam Sandler

Poeminha



Fotos: Carlos Monteiro



O Rio amanheceu!
Ria, soRia Rio!
Amanheceu notícia internacional.
“Alô, alô, Repórter Esso! Alô, Marciano!”
“O Primeiro a dar as últimas e testemunha ocular da história”.
O Rio amanheceu Repórter Esso!

Amanheceu poema.
Amanheceu Prometheus!
Saiu dos braços de Morpheus!
“Espíritos poderosos devem ser convocados apenas pelos mestres
que os dominam”. Goethe.
Talvez não haja em meus alfarrábios, melhor descrição para o
dilúculo de hoje!

Amanheceu presságio.
‘I have a dream’! Era 1963. - Martin Luther King, o sonho não
acabou! Talvez não tenha, ainda, começado pleno, magnânimo,
talvez não acabe.
Somos eternos sonhadores.

Amanheceu sonho.
Nada mais atual (já estou repetitivo nessa expressão), que pena!
Amanheceu atual.
“A medida do amor é amar sem medida”. - Santo Agostinho

Amanheceu amor.
“Nuvens lá no mata-borrão do céu chuparam todas as manchas
torturadas”. Senhor Francisco

Amanheceu solar.
Caetaneou sol-lá(r). Como um índio leãozinho.
Amanheceu lá em sol.
Aprendiz do Futuro. Cidadão, hoje e amanhã, porque amanhã é
sábado!

Amanheceu Dimenstein.
Dióptrico.
Amanheceu filósofo cartesiano.
Amanheceu cesta, sesta, exta, sexta.

Amanheceu...
Acorda amor...
Clame, chame lá, clame, chame!
Shangri-lá. Montanha-passagem.

Açúcar & afeto!

